

Panel 21: Calls to Witnessing

Moderator: Cynthia Huff

Sarah Brophy, McMaster U [brophys@mcmaster.ca]

#FreeBree as a ‘Relay of Witnessing’: Remediation, Crowdsourcing, and Activist Art

On June 27, 2015, ten days after the shootings that killed nine worshippers at Emmanuel African Methodist Episcopal Church in Charleston, South Carolina, including Senator Clementa C. Pinckney, artist-activist Bree Newsome engaged in direct action by climbing up to remove the Confederate flag that had continued to fly at full mast at the state capitol even as others were lowered in mourning. Images of Newsome’s actions, words, subsequent arraignment, and of the return of the flag up the pole 45 minutes later, were then—and continue to be—widely circulated through a variety of media modes, including TV news segments and a host of videos, photos, GIFs, memes, graphic fan art, and blog posts. This paper thinks through the role of remediation and crowdsourcing in distributing, archiving, and amplifying the impact Newsome’s project. Cognizant of the increasing corporate routinization of user-generated online responses to contemporary art, I propose that Newsome’s public-facing embodied performance illustrates that remediation and crowdsourcing can, nonetheless, be mobilized as powerfully critical and political modalities. To develop this argument, I draw, first, on the conceptualization of digital portraiture as a “cumulative, serial” genre (Walker Rettberg), reading Newsome’s direct-action performance-for-video as enacting Black feminist and radical philosophies and practices of resistance to anti-Black visual surveillance (Browne, Harney and Moten, Fleetwood) and as prompting followers/fans to extend the temporal and spatial reach of the intervention. Then, I will show the relevance of Pramrod Nayar’s concept of “radical graphics” for artistic-activist practices of remediation and crowdsourcing by analyzing the large online archive of drawings and memes portraying Newsome as a superhero: an alternative icon that makes it possible feel and remember history differently. Creatively co-constructed and widely re-circulated, Newsome’s Black female embodiment of courage, fugitivity, planning, faith, and persistence counters the dominant narration of the Charleston shootings, which has circulated ambiguously around the hateful motives and mental health of white shooter Dylan Roof, as well as the broader amnesiac and white supremacist post-slavery historical surround (Sharpe). Finally, I will theorize social media users/audiences as picking up “the relay of witnessing” (Chambers; cf. McNeill).

Posts tagged #FreeBree echoed and amplified Newsome’s declaration that “I did it because I am free,” and thus followers/co-creators can be understood as sharing in the ongoing, concerted labour of what the artist has called “tearing hate from the sky.” Through this case study analysis, the paper will contribute significant insights into the complex relationship between digital technologies, on the one hand, and collective artistic practices of self-inscription and witnessing, on the other, in the Movement for Black Lives at a time when “the touch of the digital” (Hudson and Zimmermann), the

racialized distribution of “digital labour” (Nakamura), and the logic of “distributed storage” (Van Dijck) constitute the new matrix of critical political art and activism.

#FreeBree como uma “repetição de testemunho”: remediação, crowdsourcing e arte ativista

Em 27 de junho de 2015, dez dias depois do massacre de nove pessoas, entre as quais o senador Clementa C. Pinckney, em uma Igreja Africana Metodista Episcopal de Emanuel em Charleston, Carolina do Sul, a artista-ativista Bree Newsome praticou uma ação direta: escalou um mastro na sede do governo do estado para retirar a bandeira dos Estados Confederados, que continuava hasteada no alto apesar das outras estarem a meio-pau em sinal de luto. Imagens da ação de Newsome, suas palavras, da acusação subsequente e volta da bandeira ao alto do mastro 45 minutos depois circularam — e continuam a circular — na forma de vários gêneros midiáticos, inclusive matérias televisivas e uma série de vídeos, fotos, gifs, memes, trabalhos artísticos amadores e publicações em blogs. Este artigo trata do papel da remediação e do crowdsourcing (colaboração) na distribuição, no arquivamento e na amplificação do impacto do projeto de Newsome. Ciente da crescente rotinização empresarial das respostas dos usuários à arte contemporânea na internet, proponho que a performance corporificada e aberta ao público de Newsome ilustra que a remediação e o crowdsourcing podem, apesar de tudo, ser mobilizados como modalidades críticas e políticas poderosas. Para desenvolver esse argumento, uso, primeiro, o conceito de retrato digital como um gênero “cumulativo e serial” (Walker Rettberg), fazendo uma leitura da ação direta e vídeo-performática de Newsome como interpretação de filosofias feministas e radicais negras e de práticas de resistência à vigilância visual antinegra (Browne, Harney e Moten, Fleetwood) e como incentivo para os seguidores/fãs estenderem o alcance temporal e espacial da intervenção. Depois, mostro a relevância do conceito de radical graphics (“desenho radical”, em tradução livre), elaborado por Pramrod Nayar, para as práticas artístico-ativistas de remediação e crowdsourcing, analisando o vasto arquivo on-line de desenhos e memes que retratam Newsome como uma super-heroína: um ícone alternativo que possibilita que a história seja sentida e lembrada de maneira diferente. Criada coletivamente e vastamente recirculada, a corporificação da coragem, resistência, planejamento, fé e persistência de Newsome, como mulher negra, se opõe à narrativa dominante do massacre de Charleston, que se ateve, de forma ambígua, à malícia e saúde mental do atirador branco Dylan Roof e ao entorno histórico pós-escravista amnésico e supremacista branco (Sharpe). Por fim, teorizo que os usuários/audiências das redes sociais aderem ao “relay of witnessing” (Chambers; cf. McNeill), ou “repetição do testemunho”. Publicações marcadas com a tag #FreeBree (#LibertemBree) ecoaram e amplificaram a declaração de Newsome de que “fiz o que fiz porque sou livre”; assim, entende-se que os seguidores/cocriadores participaram, pelo ato de compartilhar, do trabalho conjunto e contínuo de “arrancar o ódio do céu”, como chamou a artista. Por meio deste estudo de caso, o artigo contribui com insights significativos sobre a relação complexa entre as tecnologias digitais, de um lado, e as práticas artísticas coletivas de autoinscrição e testemunho, do outro, no movimento em

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

prol das vidas negras, neste momento em que "o toque do digital" (Hudson e Zimmermann), a distribuição racializada do "trabalho digital" (Nakamura) e a lógica do "armazenamento distribuído" (Van Dijck) constituem a nova matriz da arte e do ativismo políticos e críticos.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Sarah Brophy is Professor of English and Cultural Studies at McMaster University, Hamilton, Ontario, Canada. Her research addresses embodiment, race, gender, and sexuality in contemporary visual culture and literature. She is the author of *Witnessing AIDS: Writing Testimony and the Work of Mourning* (U of Toronto P 2004) and co-editor with Janice Hladki of *Embodied Politics in Visual Autobiography* (U of Toronto P 2014). She has co-curated two exhibitions at the McMaster Museum of Art and has contributed to journals including *Journal of Literary and Cultural Disability Studies*; *Review of Education, Pedagogy and Cultural Studies*; *Interventions*; *Contemporary Women's Writing*; *Literature and Medicine*; and *PMLA*.